

O TRABALHO NO MUNDO MODERNO

De EVARISTO DE MORAES FILHO

NO seu profundo e erudito ensaio sobre "O Proletariado Industrial", escreve o autor alemão Goetz Briefs que "proletarii" designa uma categoria de homens cuja situação social é precária e que têm consciência da precariedade de sua situação. E todo o problema social consiste nisso: no caminho que tomou a forma capitalista de produção, associando a liberdade cívica e a autonomia jurídica do homem que trabalha à condição de não-proprietário, que é a das classes operárias, crescendo incessantemente. E pergunta, então: "Em que condições a liberdade do trabalhador é compatível com um regime em que as massas são desprovidas de propriedade? Como obter a segurança da existência e garantir a liberdade? É preciso sacrificar a liberdade, preferindo a sujeição do trabalhador ao Estado para obter uma paz social comparável à paz que pesa no cemitério? Ou é melhor instituir garantias econômicas que dêem fim ao que há de mal em um regime em que o trabalhador é desprovido de propriedade e submetido aos acasos do mercado?"

É esta, sem dúvida, a questão primordial do desajustamento que se desenvolve diante dos olhos de todos nós. Já se foi o tempo em que se pretendia deixar a solução do problema para o livre jogo das forças econômicas, fechando os olhos à realidade como um avestruz assustado que esconde a cabeça na areia. O que distingue o homem contemporâneo é exatamente a plena consciência de sua época, do que ela tenha de singular e de próprio. E o diagnóstico de cada época histórica consiste em apreender o que Karl Mannheim chama, com Bacon, de "princípio média", isto é, o conjunto de tendências evolutivas, gerais, qualitativas, nem sempre registráveis nos dados estatísticos, mas assim mesmo muito concretas e reais. É a isso que alguns filósofos místicos denominam de sentido ou de destino, como o fazem Keyserling e Spengler, como significando uma intuição imponderável da totalidade da mudança social.

E há mais de um século que os homens estão perplexos e sabem ou sentem bem no íntimo de seus corações que nada estará definitivamente resolvido no mundo de hoje, sem a solução prévia dessa incorporação do proletariado à sociedade ocidental, como a denominava Augusto Comte. Mas o problema não se restringe à esfera econômica e social, recua mais, indo penetrar o âmago da própria alma do homem que trabalha, roubando-lhe as forças de espontaneidade e criação como um verme maldito e sangue-suga.

Procurando distinguir o trabalho de outras atividades humanas, escreveu Alfred Marshall, o conhecido economista inglês, que ele pode ser definido como "qualquer aplicação do espírito e do corpo tendo em vista um bem diverso do prazer oriundo diretamente da própria obra". Pois bem, é esta dissociação entre o homem e a tarefa que realiza, entre o agente humano e o resultado de sua atividade, que faz com que o trabalho seja sinônimo, desde os tempos mais antigos, de pena, esforço penoso, tormento, sofrimento, e assim por diante. Os exemplos lingüísticos são facilmente encontrados em Platão, Aristóteles, Cícero, Virgílio, Horácio e outros clássicos.

É que o trabalho não pode ser separado do homem que trabalha, tomado como mercadoria que recebe preço no mercado ao lado dos outros bens materiais de livre circulação. Também não representa uma parcela do corpo ou do espírito do homem, fragmentando-o em pedaços atomísticos e isolados. O trabalho é o homem em sua totalidade, inteiriço, integral, como uma pessoa que reage ao mundo físico, aos seus semelhantes e a todas as demais coisas que o cercam. Como na psicologia de Stern, pode-se opor o trabalho, como livre manifestação da personalidade (Person) humana, a todas as coisas (Sachen) objetivas que lhe são estranhas.

Assim considerado, ganha o conceito de trabalho uma dimensão mais alta, que passa a interessar à filosofia ou à própria religião, e que pede soluções concretas inadiáveis em nome da salvação da própria essência do homem, feito à imagem de Deus e por ele criado para realizar a sua obra. Mas tudo isso sem falsas caridades nem piedades hipócritas, e sim em cumprimento de um dever e de uma obrigação, aos quais corresponde um direito de quem trabalha e realiza a mais nobre das funções sociais. Nenhum problema é mais atual e nenhum pede maior atenção dos homens de Governo e das classes dirigentes da sociedade do que este. Nêle reside a continuidade da própria civilização e o advento de uma possível paz social. Felizmente, parece que todos estão bem conscientes disso.

A. Ligeira - janeiro 1955